

Tiradentes é a figura que representa a Independência do Brasil, não por concretizá-la mas morrer por ela. Seu mérito é incontestável, entretanto, se torna uma incógnita no momento em que percebe-se a totalidade de personalidades negras que se sacrificaram pela liberdade da, até então, colônia de Portugal. O racismo que permeia a história do Brasil desde 1822, se faz presente quando os movimentos de luta contra o preconceito dentro do futebol brasileiro é analisado. Problemática essa que evidencia, também, uma construção do papel da mulher na sociedade.

Sob esse viés analítico, o racismo é uma herança histórica notória no futebol. Segundo Pierre Bourdieu, em seu livro *Violência Simbólica*, a segregação na sociedade ocorre por uma violência internalizada nos indivíduos. Uma educação baseada em preconceitos racistas, afunila essas agressões para uma classe social específica, como a negra ou periférica. Culpabilizando pessoas inocentes.

Em adendo, as funções do gênero feminino em um Brasil contemporâneo, permanecem limitadas a uma época colonial. A imagem da mulher independente que se destaca nas áreas de conhecimento, se não manipulada, é dissimulada pela vitória de um homem; assim como as esposas na colonialidade eram trancafiadas nas casas com o único papel de governanta. A biografia da futebolista Marta comprova essas análises. Apesar das premiações que materializam suas competências, a grande massa do povo brasileiro não a conhece ou torce pelas conquistas em prol do futebol brasileiro.

Há, portanto, a carência de uma mudança drástica na educação dos jovens deportistas brasileiros. De acordo com Emmanuel Kant "O ser humano é o que a educação faz dele", responsabilizar as primeiras instâncias sociais, como a família e a escola, educando as crianças conduzirá a um processo de mitigação do preconceito enraizado na sociedade.